

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO**

MARIANA DOS REIS DIAS

Desfilando a identidade: reflexão sobre a ocupação do espaço público
como espaço político pelo Bloco Bloquete – Vinhedo/SP

**São Paulo
2019**

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO**

Desfilando a identidade: reflexão sobre a ocupação do espaço público
como espaço político pelo Bloco Bloquete – Vinhedo/SP

Mariana dos Reis Dias

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Especialista em
Gestão de Projetos Culturais

Orientadora: Prof. Dra. Jane A. Marques

**São Paulo
2019**

AGRADECIMENTOS

A realização desse artigo foi possível graças ao apoio de diversas pessoas, desde o incentivo para buscar novas formas de conhecimento, através de um curso de especialização, até os que, de muito bom grado, disponibilizaram seu tempo para contribuir na presente pesquisa.

Agradeço, assim, a Mauro e Rosangela Dias, meus pais, por todo o acompanhamento e confiança em todas as decisões que tomei, à Stella Sanches, pelas caronas e discussões realizadas no trajeto USP-Campinas, a Elias Mendes, tão especial e presente nos mais diversos âmbitos da minha vida, que enriqueceu meus estudos com suas referências, filosofia de vida e todo o carinho e compreensão dispensados, pela entrevista concedida, além da imensa contribuição musical que trouxe para o Bloco Bloquete, sendo um dos responsáveis por alçar o coletivo a ser o que é.

Não posso deixar de lembrar, também, da gema Marília e da mãe Máisa, que me recebem tão bem em sua casa e estão sempre prontas a ouvir minhas dúvidas e ansiedades, à Marlise Bilheteira e seu inestimável auxílio na revisão do trabalho e transcrição das entrevistas, a Chico Lima, Fernanda Mattiuz, Luisa Dalgalarrongo, Mônica Lovato e Tetembua Dandara pela ajuda com as línguas estrangeiras, à Erika Oliveira e seu amplo conhecimento de Word, ao Pedro Machitte, que me convidou para acompanhar o primeiro desfile do Bloquete, em 2014 e, assim, me apresentou a esse grupo tão mutável quanto questionador, aos professores do Celacc e sua imensa contribuição à minha formação e ampliação das perspectivas sobre a gestão e as diversas nuances da Cultura.

Também, aos que se dispuseram a entender a pesquisa e responder aos questionamentos: Elisângela Ribeiro, Nádia Dini, além da Maria Clara que, entre suas viagens, encontrou um tempo para me encontrar e papear. Ao Rodrigo Paixão, por seu auxílio e indicação de bibliografia sobre a cidade de Vinhedo, e a todos os que dedicam seu tempo e talento a formar o bloco mais colorido de Vinhedo, seja na organização, na harmonia, bateria, no cordão ou fazendo parte dos foliões mais animados!

Finalmente, agradeço à Prof^a. Dr^a. Jane Marques e sua imensa disponibilidade e generosidade em dividir seus conhecimentos nessa orientação.

Desfilando a identidade: reflexão sobre a ocupação do espaço público como espaço político pelo Bloco Bloquete – Vinhedo/SP¹

Mariana dos Reis Dias²

Resumo: Este artigo analisa a ocupação do espaço público urbano para refletir a origem do Carnaval, além de procurar entender como ocorre a representatividade, principalmente das minorias, nessa festa. Com base em pesquisas teórica, documental e de observação participante, além da pesquisa empírica analisam-se as ações do bloco de rua *Bloquete*, da cidade de Vinhedo/SP. Parte-se do conceito de identidade(s) e do desenvolvimento urbano desse município. A partir de entrevistas com integrantes do Bloquete, nota-se que essa ação cultural não está totalmente acolhida pelo(s) público(s) da cidade, mas os objetivos do Bloco continuam sendo difundidos nos ensaios e no desfile anual. Esse aspecto merece novos estudos para que se possa acompanhar sua evolução.

Palavras-chave: Carnaval. Identidade. Espaço Público. Bloco de rua. Bloco Bloquete.

Abstract: This article analyzes the occupation of the urban public space to reflect the origin of the Carnaval, in addition to try to understand how representativity, mainly of minorities, occurs in this party. Based on theoretical, documentary and participant observation researches, besides the empirical research, the actions of Bloquete street block, from the city of Vinhedo/SP, are analyzed. It starts from the concept of identity(ies) and urban development of this municipality. From interviews with members of Bloquete, it is noted that this cultural action isn't fully accepted by the city's public(s), but the objectives of the Block continue to be disseminated in the rehearsals and in the annual parade. This aspect deserves further studies so that its evolution can be followed.

Key words: Carnival. Identity. Public Space. Street Block. Bloquete Block.

Resumen: Este artículo analiza la ocupación del espacio público en el ámbito urbano para reflejar el origen del Carnaval, además, intenta entender cómo ocurre la representatividad, principalmente de las minorías en esta fiesta. Con base en investigaciones teórica, en documentos históricos y de observación participante, además de la investigación empírica, se analizan las acciones del Bloque de Calle Bloquete, de la ciudad de Vinhedo/SP. Partiendo del concepto de identidad(es) y del desarrollo urbano de ese municipio. A partir de entrevistas con integrantes del Bloquete, se nota que esta acción cultural no es totalmente acogida por el público de la ciudad, pero los objetivos del Bloque continúan siendo difundidos en los ensayos y en la presentación anual. Este aspecto merece nuevos estudios para que se pueda acompañar su evolución.

Palabras clave: Carnaval. Identidad. Espacio Público. Bloque de Calle. Bloque Bloquete

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado como condição para obtenção do título de Especialista em Gestão de Projetos Culturais.

² Pós-graduanda em gestão de projetos culturais. Graduada em Artes Cênicas pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo descreve e analisa as práticas e iniciativas de um projeto cultural que ocorre desde 2013 na cidade de Vinhedo, município do interior de São Paulo: o bloco de carnaval de rua *Bloquete*, que luta pelo direito de utilizar os espaços públicos da cidade para seus ensaios, desfiles e também explicita, em suas diretrizes, a importância de ser um coletivo criado e mantido como lugar de representatividade das chamadas *minorias sociais*.

Com a premissa de dar continuidade à tradição do carnaval de rua e dar espaço para a voz das minorias nessa cidade, o *Bloquete* traduz seu discurso por meio das músicas escolhidas para seu repertório anual, além de oferecer a qualquer interessado a vivência e o ensino de percussão, e ludicidade ao público com a distribuição do pó de maisena colorido, inspirado em festivais como o *Holi-colors*, da Índia, evento que comemora a chegada da primavera naquele país e que ocorre entre os meses de fevereiro e março.

Além de considerar a perspectiva coletiva do *Bloquete*, à pesquisa interessa analisar o fato de ser um bloco de carnaval que é formado e dá voz aos grupos minoritários silenciados, criar um repertório de críticas políticas e, por meio de seus encontros – ensaios e desfile –, convida a população para ocupação, de forma participativa, do espaço público.

Partindo das ações e ocupação dos dias de desfile, procura-se buscar as razões que levam os cidadãos a se afastarem do convívio que o compartilhamento do espaço público oferece, encarando-o como espaço de *ninguém*, ao invés de considerá-lo como espaço de *todos*. Ao mesmo tempo, questionar os possíveis motivos da diversidade de corpos ser, em geral, celebrada nessa data festiva, mas não em seu cotidiano.

O caminho para entender essa dicotomia passa pela pesquisa de Raquel Rolnick (1997) e a contextualização do sentido que o *estar na rua* adquire desde a colonização: o lugar do escravo, do indesejado, e por isso mesmo, o afastamento que causa nas pessoas, que não querem ser associadas a essas práticas. A questão dos usos sociais dos espaços públicos e, principalmente, centrais, será abordada com auxílio do panorama traçado por Frúgoli Jr (1995) e Rogério Leite (2002), que diferenciam o espaço urbano, aberto ao uso, porém vazio, e o espaço

público, de uso comum, onde visões de mundo se confrontam e convivem politicamente. Este último é o que mais interessa a este artigo.

A fim de alcançar os objetivos propostos, alguns procedimentos metodológicos foram adotados, tais como pesquisa teórica e documental, além de observação participante (MÓNICO et al., 2017) para sistematização de experiências (HOLLIDAY, 2006) visto que a pesquisa se baseia nas práticas e ações de um coletivo cultural organizado como bloco de carnaval existente desde 2014 e acompanhado pela pesquisadora desde 2016. Dessa forma, há vasto material a ser analisado e sistematizado, incluindo comparações com situações ocorridas em anos anteriores. Para que esse método tenha eficácia, a recorrente mediação entre os processos vividos e observados e a teoria que embasa o estudo foi realizada.

Para que a pesquisa não apresentasse apenas a vivência da pesquisadora, foram também realizadas quatro entrevistas com integrantes do *Bloquete*, seus fundadores e representantes, além de integrantes com vivências diversas: que em algum momento tenham deixado e retornado ao coletivo ou que se identificasse como alguma minoria. Para a parte empírica adotou-se de pesquisa qualitativa, com a técnica de entrevistas em profundidade, visando relatar as experiências e visões no espaço do coletivo. Desse modo, pretendeu-se apreender de que modo a inserção do indivíduo em um espaço metafórico, de diversidade, se traduz na sua ocupação do espaço físico da cidade. Ocupação aqui vista como elemento político de afirmação de identidade(s).

Foi elaborado um roteiro de questões abertas, com base no levantamento teórico realizado, a fim de evitar algum tipo de direcionamento por parte da pesquisadora, deixando os entrevistados mais à vontade para refletirem e emitirem seus pareceres sobre a participação no bloco. Todas as entrevistas estão transcritas integralmente e apresentadas no Apêndice deste artigo.

A seguir são apresentados alguns conceitos e fatos históricos: o surgimento do Carnaval como festa popular, Stuart Hall (2005) e seu conceito de identidade, que é aplicado para conceituar as representações sociais, além de um breve histórico da formação e ocupação de espaços urbanos, e como todos esses elementos podem ser observados nas práticas e surgimento do bloco de rua *Bloquete*, na cidade de Vinhedo/SP.

2. CARNAVAL: ORIGEM E ESPAÇO DE LUTA

As festas populares, em especial o Carnaval, são a oportunidade de os cidadãos se apresentarem fora da norma exigida no dia a dia, de quebrarem regras e rotinas, numa inversão política. Seu desregramento tem origem no *entrudo*, jogos festivos e, por vezes, violentos, que eram realizados nos quatro dias que antecediam a quaresma, como relatado por Elizabete Loiola e Paulo Miguez (1995).

Os pesquisadores também descrevem a possível origem dos blocos de rua: os negros mascarados que saíam às ruas dançando e tocando músicas típicas de África, os chamados *cucumbis*. Porém, são nos anos finais do século XIX que se pode dizer que o Carnaval se configura com os traços que hoje o definem. Ocorre uma *europização* da festa, com a proibição dos jogos considerados bárbaros e potencialmente perturbadores da ordem, e um incentivo de novas organizações, que se assemelham às atuais agremiações carnavalescas. Ou seja, há um forte componente racial na configuração da festa, exaltando uma cultura em detrimento de outra, fato que ocorrerá outras vezes no decorrer da história brasileira.

É na transição do entrudo para o Carnaval que ocorre outra inversão: o privilegiar da rua como espaço de acontecimentos. Se antes os jogos eram realizados preferencialmente dentro das casas e a rua era o espaço dos escravizados e sua música, agora o desfile e ostentação de roupas acontecem nas ruas centrais da cidade pela elite local, em um indício do que seriam as escolas de samba. Essa prática gera a diferenciação entre o carnaval participativo, como o dos blocos de rua e o contemplativo, como ocorre com os desfiles de escolas de samba (FRÚGOLI JR, 1995, p. 25).

Entretanto, essa disputa pela rua não ocorreu de forma pacífica, as forças estatais reprimiam as manifestações da cultura afro-brasileira, chegando, inclusive, a criminalizá-las. Além disso, era pequena a participação do Estado na festa, se restringindo em apoio de logística. Situação que, no caso da cidade de Vinhedo, perdura até a atualidade, com o poder público tentando, através do controle de acesso, excluir as classes mais populares da festa, além de atender a demandas particulares, como dos comerciantes e da Igreja Católica (PREFEITURA DE VINHEDO, 2019).

Essas disputas de espaço, físico e de representação, tornam o caráter do Carnaval dinâmico, principalmente o desenvolvido por blocos de rua graças à relação ativa entre foliões e bateria, e figura como lugar de disputa de discursos e de espaços entre os diversos valores morais, sociais e culturais.

A inversão da rotina proporcionada por essa festa popular permite a aceitação de identidades consideradas desviantes fora desse contexto festivo e pode expandir-se para outras áreas fora da época da folia. Os corpos marginalizados no restante do ano se tornam protagonistas no período carnavalesco e espaços públicos, tais como praças, avenidas e calçadas que deixam de ser lugares de passagem, tendo sua função subvertida para a festa, o encontro, o convívio de ideias.

Aqui se busca, portanto, investigar os aspectos – poéticos, lúdicos, políticos – que atraem as pessoas a ocupar os espaços públicos nos dias de festa e, essencialmente, no desfile do Bloco *Bloquete*. Para isso, são analisadas as ações de construção do desfile e os depoimentos de alguns de seus integrantes, focando no espaço de representação que o *Bloquete* ocupa atualmente.

3. IDENTIDADE(S): PREPARAÇÃO, DURANTE E PÓS-FOLIA

Segundo Hall (2005) e seus estudos e reflexões acerca da identidade cultural, na pós-modernidade o indivíduo deixa de ser uno, como previsto no Iluminismo, e passa a ser visto como ser social, se *relacionando* diretamente com o meio em que se encontra, em uma mediação entre mundos interior e exterior. Por isso, de acordo com o autor, o sujeito pós-moderno não tem identidade fixa, assume diferentes identidades, em diferentes momentos, podendo, inclusive, apresentar contradições de acordo com suas vivências. Por exemplo, no caso que interessa a esta pesquisa, os indivíduos que, mesmo com discursos conservadores e preconceituosos, estão nos desfiles do bloco *Bloquete*, e endossam, de alguma forma, seu discurso libertário e a favor da diversidade, característica notada, também, por Teixeira (2018):

A pessoa é preconceituosa, racista, mas, no Carnaval ouve música de preto, dança. Não gosta de 'bicha', mas no Carnaval tem as *drag queen* que animam. Tem um negócio que é meio 'foda', permissivo, mas nesta cidade que é muito conservadora eu acho que o Carnaval é um lugar mais potente que existe para dizer alguma coisa, para se mostrar e escancarar uma

forma de existência que às vezes você não tem lugar, não tem voz e enfim...³

A palavra *relação* é também utilizada por Woodward (2005) para definir como a identidade é criada: a partir da negação, contraposição, interação, mas não seria possível defini-la sem outra para que haja uma comparação. A identidade, então, não pode ser tratada como característica imutável e fixa, mas como algo fluido.

Partindo das *relações* entre as identidades, chega-se a outro conceito necessário: o de *minoría*. “O conceito de minoria é o de um lugar onde se animam os fluxos de transformação de uma identidade ou de uma relação de poder. [...] mas principalmente um dispositivo simbólico com uma intencionalidade ético-política dentro da luta contra-hegemônica” (SODRÉ, 2005, p. 1). Nesse caso, o embate entre as identidades ocorre nos espaços de poder, em geral, de forma conflituosa, pois as minorias – não necessariamente numéricas, mas de representação – precisam conquistar seu espaço dentro de um sistema criado para marginalizá-las.

Daí a importância do Carnaval de rua, que abriga e dá a oportunidade de grupos silenciados se manifestarem de forma lúdica, marcando seu espaço e seu direito à cidade, sem necessidade de representantes. Seus protagonistas realizam e aproveitam os festejos, numa relação com fronteiras borradas entre palco e plateia (LOIOLA; MIGUEZ, 1995).

O que este estudo visa analisar é o bloco *Bloquete* colocado como vetor de questionamento da homogeneização dos indivíduos (Hall, 2005). Segundo Scoralick (2009, p. 191), “A normalização é uma forma sutil de manifestação do poder e de hierarquização das identidades e das diferenças.” E o período do carnaval também inverte essa lógica. É o momento em que várias amarras sociais são quebradas e muito do que, em geral, é considerado desvio passa a ser aceito e, até, incentivado: homens travestidos, mulheres desnudas, diversão, ludicidade e vadiagem. É na festa que a *normatividade* é quebrada.

As chamadas minorias, atualmente, pressionam tanto por representatividade nos meios de comunicação de massa e, inclusive, com o advento das redes sociais, tem, pelas próprias mãos, tentado mostrar outras formas de reconhecer a identidade de tais grupos.

³ A transcrição dessa e das demais entrevistas utilizadas neste estudo estão apresentadas, na íntegra, no Apêndice deste trabalho, conforme destacado na Introdução.

Reconhece-se, geralmente, que as representações sociais, como sistemas de interpretação, que regem nossa relação com o mundo e com os outros, orientando e organizando as condutas e as comunicações sociais. Iguamente intervêm em processos tão variados quanto a difusão e a assimilação dos conhecimentos, no desenvolvimento individual e coletivo, na definição das identidades pessoais e sociais, na expressão dos grupos e nas transformações sociais (JODELET, 2001, p. 05).

As representações sociais são, portanto, o resultado da relação do sujeito (o pensamento) com um objeto (o produto ou representação). Modificando o primeiro é possível pulverizar o segundo. A importância da divulgação de outras formas de ser das minorias se dá pelo reconhecimento de que elas podem estar em qualquer espaço e profissão, inclusive em espaços de poder. Por isso “sair do armário” é essencial para a visibilidade das identidades marginalizadas como a homo ou transexual pois possibilita tornar essas identidades *presentes* no imaginário popular.

Por meio de seu repertório, o coletivo *Bloquete* busca afirmar que essas identidades continuam a existir pós-folia e que tem tanto direito ao espaço público como qualquer outra instituição, enfrentando, dessa forma, o poder vigente de opressão das minorias, inclusive alertando que cada ser humano é plural e diverso em si, não se reduzindo a apenas uma de suas características individuais. Como afirma Chimamanda Adiche (2016):

Ninguém nunca é apenas uma coisa. E, ainda assim, atualmente, no discurso público nós frequentemente falamos de pessoas como coisas únicas: refugiadas, imigrantes. Desumanizamos as pessoas quando as reduzimos a apenas uma coisa e essa desumanização é insidiosa e inconsciente⁴.

É nessa relação de performatividade que a potência do *Bloquete* ocorre, nessa ação que só pode ser completa pela experiência da troca, “(...) como mediadora da própria realidade, opera, para além de mecanismos cognitivos, no campo dos afetos, das expectativas e das aspirações” (GIESBRECHT, 2011, p. 94), pois, (...) a performance não quer ser entretenimento, arte, militância, política ou religião, pelo menos nos sentidos convencionais desses termos. Ela aspira convocar as próprias potências criativas do humano (...) comprometida que está com a reinvenção da cultura e dos modos de vida (QUILICI, 2013, p. 39-40).

⁴ Tradução livre: “Nobody is ever just a single thing. And yet in the public discourse today we often speak of people as single things: refugee, immigrant. We dehumanize people when we reduce them to a single thing and this dehumanization is insidious and uncounscious”.

É por meio de experimentações cênicas que o bloco dá ênfase aos temas que leva para a rua como o direito ao casamento pelos homossexuais ou a violência contra a mulher, colocando essas pessoas para falarem por si mesmas, sem necessidade de representação, apostando em “um acontecimento que eclode da transgressão programada de convenções estéticas e sociais, apostando na eficácia transformadora (política, estética, existencial etc.) de suas estratégias” (QUILICI, 2013, p. 35). Apesar da problematização oferecida pelo autor dessa definição de *performance*, ela serve aos anseios e ambições do *Bloquete* com seu coro cênico e, mesmo, com os integrantes da bateria.

4. ESPAÇO PÚBLICO: PARTICIPAÇÃO E APROPRIAÇÃO

O início da trajetória do bloco *Bloquete*, no ano de 2013, se dá a partir da vontade de seus fundadores de incentivar pessoas da cidade de Vinhedo a ocupar o espaço público de forma lúdica e, para isso, se utilizou de ritmos populares de Carnaval como forma de apresentar atividades que valorizassem o trabalho coletivo e tornassem possível a expressão artística inerente a cada indivíduo.

É na apropriação do espaço urbano, dando sentido a este, que se configura verdadeiramente um espaço público, na diferenciação feita por Rogério Proença Leite (2002). Tal apropriação tem sido cada vez mais dificultada, inclusive pela ação do poder público, que pressiona os coletivos carnavalescos para que estes abandonem as ruas do centro e façam seus desfiles no Parque Municipal, local mais afastado e passível de controle, numa dispersão da vida urbana, como descrito por Frúgoli Jr. (1995).

No ano de 2019, com a dificuldade encontrada pela Prefeitura de Vinhedo em obrigar os blocos de Carnaval a não desfilarem no centro, o contraponto encontrado foi realizar controle de entrada de foliões, com comercialização de alimentos e bebidas por uma empresa privada em espaço público que será fechado em uma clara tentativa de exclusão de corpos e classes, porém, divulgada como segurança (VINHEDO, 2019). Essa tentativa de controle não é nova, como registra Rodrigo Paixão (2018, p. 84) sobre a história dos escravizados em Vinhedo:

Nas cidades, era o feitor que fazia o controle; na cidade, os policiais e milícias ligadas aos fazendeiros, que tinham essa responsabilidade. Esse controle estava ligado não somente à ideia de segurança, mas

principalmente à questão econômica e produtiva, no campo; e na cidade à política, para evitar rebeliões e fugas.

Também abordado por Frúgoli Jr. (1995), é a forma como o espaço central da cidade de São Paulo passa da elite para classes menos favorecidas à medida que aquela encontra outros espaços considerados *diferenciados* para morar. No caso da cidade de Vinhedo, o centro concentra o comércio e algumas casas tradicionais de antigos moradores, enquanto a elite se fechou nos condomínios e loteamentos, matéria inclusive de condenação de ex-prefeito por exigir propina para liberar esses empreendimentos (G1 CAMPINAS, 2016; GUGLIELMINETTI, 2016).

Dessa forma, as ruas que outrora eram espaços de convivência passam a ser locais de passagem que não podem ser obstruídos, nem pela festa, nem por manifestações ou por uma simples dificuldade de locomoção, seja de pessoa ou automóvel, o que é visto como um obstáculo ao trânsito e, portanto, ao progresso.

Não raro tem-se notícia de grupos de jovens que foram expulsos de espaços em seus bairros por serem vistos como um perigo por seus vizinhos (CHIANEZI, 2018). Essa prática tem explicações na colonização brasileira, como explica Rolnik (1997, p. 34): "Assim era a rua, o espaço público, o lugar da escravaria, e também da libertinagem e devassidão, imediatamente identificada com quem ali permanecesse".

Apesar de descrever uma situação pré-ocupação burguesa do espaço, ainda hoje há quem sofra violência por não estar enquadrado na estética que se espera de determinados locais, o que ocorre principalmente por preconceitos raciais e sociais, que empurram cada vez mais para a margem das cidades quem não consegue bancar o alto custo de vida dos centros, como bem exemplificam Leite (2002) e Ortiz (2000), nos casos de modernização do Bairro do Recife Antigo e da cidade de Paris, porém facilmente comparados a outras localidades.

É contra essa tendência que o *Bloquete* luta, pelo uso das ruas do centro da cidade como espaço de encontro e celebração, aspecto que é retomado no próximo item.

5. BLOQUETE: BEM MAIS QUE UM BLOCO PEQUENO

O *Bloquete*, que significa *bloco pequeno*, é um bloco de rua sem fins lucrativos, fundado em 2013 na cidade de Vinhedo, na esteira da dissolução do *Bloco dos Bananas*, com o objetivo de manter viva a tradição do carnaval de rua no centro da cidade, iniciado com o *Tapa na Peteca*⁵, que conviveu por muitos anos com os desfiles das escolas de samba que ocorriam na região do portal da cidade. Seu primeiro desfile ocorre em 2014 e a pesquisadora é integrante do coletivo desde 2016, apesar de acompanhar o bloco desde a sua estreia na avenida.

O bloco *Bloquete* luta, ano após ano, pelo direito de usar os espaços públicos do município para os ensaios e para o desfile de Carnaval. Busca, com sua proposta artística, discutir e promover ideais de diversidade, incentivando a convivência e respeito às diferenças. Sua postura é política, mesmo que apartidária. Com suas ações – repertório, apresentações, manifestações e intervenções artísticas – leva sua contribuição, tentando enriquecer o debate, apontando contradições e dando espaço e voz aos grupos marginalizados da sociedade.

O bloco *Bloquete* foi concebido na mesma época de movimentos como o *Occupy Wall Street* e a *Primavera Árabe*⁶ e incorporou algumas de suas reivindicações como a horizontalidade nas decisões e cooperação nas ações, organizando uma gestão democrática do coletivo, através de reuniões periódicas entre seus integrantes para discussão de pautas e decisões acerca dos ensaios e

⁵ *Bloco dos bananas* e *Tapa na Peteca* são nomes de dois blocos de carnaval de rua da Cidade de Vinhedo. O primeiro surge como escola de samba em 1985, mas, transforma-se em bloco por não conseguir arcar com a estrutura que um desfile exige e foi o responsável pela retomada do Carnaval de rua de Vinhedo, em 2012, com seus integrantes saindo tradicionalmente vestidos de mulher. Já o segundo sempre desfilou na segunda de Carnaval pela Av. Nove de Julho, no centro da cidade, mesmo quando ainda havia os desfiles de escola de samba na região do portal da cidade. Ambos se tornam referência para o Bloquete pela simplicidade de suas iniciativas: estar na rua, brincando o Carnaval.

⁶ *Occupy Wall Street* é um movimento de protesto contra a desigualdade econômica e social, a ganância, a corrupção e a indevida influência das empresas - sobretudo do setor financeiro - no governo dos Estados Unidos. Seu slogan era "Nós somos os 99%", referindo-se à desigualdade de distribuição de renda e riqueza nos EUA, comparado com 1% mais rico da população. Para atingir seus objetivos, realizaram uma ocupação permanente de Wall Street. A multiplicidade do movimento, sem líderes ou uma reivindicação prática e única, foi o seu ponto forte, e sua fraqueza. Potencializada pelo uso das mídias sociais, a organização era horizontal e espontânea. Na mesma época ocorria a *Primavera Árabe*, nome dado à onda de protestos, revoltas e revoluções populares contra governos do mundo árabe – em geral autoritários - que eclodiu em 2010. A população revoltosa de vários países como Turquia, Líbia e Egito ocuparam as ruas exigindo maior liberdade e participação política.

desfiles. Esse modo de organização é próprio dos blocos de carnaval de rua, numa rede de relações (LOIOLA; MIGUEZ, 1995). Ou, nas palavras de seu diretor musical:

(...) é uma experiência de organização do coletivo de forma não constitucional, ou seja, sem partir da escrita de normas e regras frias, uma possibilidade de trabalhar pelo júbilo e não pelo labor, uma atividade que dê mais energia a cada realização e não o cansaço. Uma forma de juntar o trabalho da formiga com a vontade e potencialidade da cigarra, gerenciados por líderes não nomeados pela burocracia, mas pela capacidade de doar seu tempo a determinado objetivo (PEREIRA, 2019).

Não se exige nada de quem se interessa em participar da bateria além de assiduidade nos ensaios, em uma prática recorrente também em grupos de samba de bumbo (GIESBRECHT, 2011), como o de Dona Aurora, que, como samba paulista foi considerado patrimônio imaterial do estado de São Paulo (DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2017). Tal exigência torna o coletivo bastante heterogêneo, o que contribui não só para a *representatividade* em suas fileiras, mas com a difusão da memória coletiva advinda dos ritmos musicais trabalhados, tais como o samba, o ijexá e o afoxé. Cabe destacar que o samba e o afoxé são ritmos originários da cultura afro-brasileira. O ijexá é um tipo de afoxé, muito utilizado no Candomblé. O samba, como tocado pelo bloco tem influência das escolas de samba do Rio de Janeiro. Todos são adaptados aos instrumentos que o Bloquete possui e utiliza.

Um dos pilares do *Bloquete* é ser espaço de resistência, acolhimento e memória, seja enaltecendo a cultura afro-brasileira por meio do ensino e referência aos ritmos trabalhados, seja pelo seu repertório que, a cada ano, segue um tema escolhido pelo grupo. Como citado por DINI (2019) e RIBEIRO (2019), tal objetivo tem sido atingido pelo coletivo, pois, foi um dos pontos lembrados em ambas as entrevistas.

Levando em consideração o contexto de ameaça aos direitos conquistados e perigosa aproximação do fascismo, o coletivo ora estudado se coloca como barreira contra esse retrocesso, circunscrito à territorialidade em que se encontra. Para o ano de 2019 escolheu o tema *Retroceder nunca, render-se jamais!*

Os desfiles do bloco ocorrem todos os anos no domingo de carnaval, à tarde. Ao, literalmente, trazer à luz assuntos como homossexualidade, feminismo e democracia, o Bloquete escancara para uma cidade pequena, conservadora, que esses indivíduos existem e têm direito ao espaço público como cidadãos. Contraditoriamente, não é raro encontrar em seus desfiles, dançando e cantando

seu repertório, pessoas que, no restante do ano, fazem questão de externar seu preconceito em fóruns, conversas e eventos políticos. Pretende-se, assim, debruçar-se na relação entre representação e discurso, de modo a compreender a possível falha entre eles nas práticas do *Bloquete*.

5.1 BLOQUETE E A REPRESENTATIVIDADE

É também incorporando tradições dos ritmos trabalhados que o bloco afirma suas convicções, por exemplo, recusar o mercantilismo que pode tomar os blocos de rua, “mantendo os integrantes da comunidade como protagonistas do Carnaval, não submetendo a manifestação livre aos interesses dos empresários”, conforme menciona Elias Mendes Pereira (2018), o diretor musical do bloco entrevistado.

Os protagonistas artísticos dessa iniciativa, em particular, foram pessoas que, pelo acaso, compartilhavam um traço de identidade em comum: a homossexualidade. Não foi essa característica que os uniu, porém, foi a usada como definição por quem estava de fora, tornando-os, mesmo contra a vontade, representantes de certa minoria, isso porque “a atividade mental dos seres humanos ocorre através de representações, da imaginação, de rotulações, antes mesmo de conseguir traduzir através da linguagem” (QUILICI, 2013, p. 37).

Ou seja, quando da concepção do coletivo não se tinha total controle sobre as características desejadas, pois, como ser social que é, o ser humano está sempre sujeito à visão do outro, e, nesse caso, apesar de um provável preconceito e homofobia velados, foi esse olhar do estrangeiro que possibilitou a *representatividade* que hoje caracteriza o bloco.

Segundo uma de suas fundadoras, Maria Clara Teixeira (2018), em nenhum momento da concepção do *Bloquete* essa característica comum foi considerada de maior importância. Na realidade, sua vontade era criar um grupo onde *mulheres* pudessem tocar e opinar no repertório, espaço que não existia em outros blocos. Chega-se, assim, em uma segunda marca no coletivo ora estudado: a abertura para real participação de mulheres nos instrumentos, vocais e produção, o que dá ao *Bloquete* a representatividade dessa identidade, dando liberdade de criação para essas pessoas, o que culminou na criação, em 2018, de um grupo anexo formado apenas por mulheres.

Como “as representações exprimem aqueles (indivíduos ou grupos) que os forjam e dão do objeto que representam uma definição específica” (JODELET, 2001, p. 04), é de suma importância que essas sejam realizadas pelos próprios integrantes do grupo. Assim, sua visão pessoal pode ser contraposta aos preconceitos e estigmas já enraizados na sociedade, afinal, é o conjunto de todos os valores (individuais ou de um grupo) que organizam a visão que o indivíduo tem de algo ou alguém. É, portanto, pelo choque entre diferentes visões que as mudanças ocorrem, decorre daí o fato de as chamadas *minorias* exigirem o direito de serem ouvidas, para mostrarem sua representação da própria realidade em contraponto às visões externas.

Apesar de também ter em sua bateria pessoas negras, essa é uma característica que ainda não é representada pelo *Bloquete*, situação análoga à ocorrida em outros âmbitos da própria cidade que, apesar de ser berço do samba de roda de D. Aurora, hoje patrimônio imaterial de Vinhedo (PREFEITURA DE VINHEDO, 2018) e do Estado de São Paulo (SÃO PAULO, 2017) valoriza mais sua tradição italiana do que as mantidas por descendentes dos escravizados.

Essa desvalorização da cidade em relação à cultura e contribuições dos povos escravizados foi abordada por Trento (2014, p. 23): “Essa cultura negra foi suprimida até mesmo da história oficial da cidade de Vinhedo, que optou por intensificar a propaganda sobre a grande leva de imigrantes italianos, suíços e alemães”; e pode também ser confirmada através do Projeto de Lei n. 47/2018, aprovada por unanimidade em 01 de outubro de 2018, de autoria do vereador Sandro Rebecca, que dispõe, em seu artigo 1º: “Fica instituído o casal de bonecos que caracteriza a imigração italiana a Vinhedo, cujos personagens se tornam oficialmente ícones representativos do município e carro-chefe do artesanato vinhedense.” (REBECCA, 2018). Essa ação teve inclusive apoio de outro vereador, que afirmou na ocasião da aprovação do referido projeto: “Nossa origem é italiana, precisamos reconhecer, e essa iniciativa apenas reforça nossas tradições”. (CÂMARA MUNICIPAL DE VINHEDO, 2018).

Dessa forma, é possível concluir que a simples *presença* de algum representante de uma minoria não se traduz automaticamente em representatividade, visto que essa pessoa precisa ter voz e seu discurso encontrar eco no coletivo para que de fato se estabeleça uma probabilidade de mudança social.

Essa situação foi reconhecida pelo coletivo que, para tentar saná-la, ao escolher para seu repertório de 2019 músicas de artistas negras e periféricas como MC Linn da Quebrada e MC Carol, convida pessoas que se identificam como negras para serem as porta vozes dessas mensagens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados obtidos sobre histórico da ocupação urbana na cidade de São Paulo, formação do território da cidade de Vinhedo, origem da festa de Carnaval e do bloco Bloquete, além das entrevistas com os integrantes deste Bloco e a observação participante desta pesquisadora é possível afirmar que, apesar da preocupação dos responsáveis pelo Bloquete em ser um coletivo aberto à participação de todos e à representatividade de identidades sociais minoritárias, não é possível ser, a um só tempo, voz e espaço para todas elas, visto que as demandas precisam encontrar terreno fértil para que sejam desenvolvidas.

A análise das entrevistas também permite refletir que, mesmo com uma preocupação em deixar explícito o posicionamento do Bloco: através de seu repertório e publicações em mídias – sociais, virtuais e tradicionais –, ainda assim é possível encontrar foliões alheios a esse posicionamento que acompanham o desfile e as apresentações todos os anos, o que sugere uma falha nessa comunicação. Não é possível apontar, contudo, se essa falha ocorre na emissão ou na recepção da mensagem, sendo, possivelmente, um meio termo entre ambas, visto que também há pessoas que questionam, pelos meios utilizados os posicionamentos do Bloco Bloquete.

No presente ano de 2019 várias demandas identitárias passaram a um segundo plano, quando, de forma abrupta, a Prefeitura anunciou a vontade de privatizar o Carnaval de rua (PREFEITURA DE VINHEDO, 2019), obrigando o coletivo ora estudado a se focar na luta para a permanência do desfile em espaço público *aberto*, sem cercas e controle, mantendo o princípio do Carnaval. Infelizmente o presente estudo não conseguirá acompanhar os desdobramentos dessas decisões até o Carnaval, portanto, não foi considerado nestes resultados, apenas pôde-se acompanhar sua preparação. Tal ocorrência é uma repetição do

ciclo de tentativa de cerceamento do espaço público, elegendo quem seriam os indivíduos desejáveis e os indesejáveis na convivência, como já mencionado.

Apesar disso, o Bloco Bloquete se configura, como citado pelos entrevistados, em espaço de acolhimento de quem se identifica com pautas mais progressistas em uma cidade conservadora, como é o caso de Vinhedo/SP. Bloquete é um espaço onde não se julga as pessoas por cor, orientação sexual, aparência ou gênero, e onde as decisões são tomadas de forma horizontal e aberta, com todos os membros convidados a participar das reuniões mensais de organização de ensaios e desfiles.

Assim, é possível afirmar que em seus seis anos de existência, o Bloquete traçou metas tangíveis para atingir seus objetivos de democratização do ensino de percussão e sonoridades afro-brasileiras, difundindo essa cultura até hoje marginalizada na sociedade. Além disso, costuma levar para a avenida temas caros a seus integrantes, como liberdade de identidade e ocupação do espaço público, de forma lúdica e poética. Mesmo que a mensagem não seja absorvida pela totalidade dos foliões, ela é passada e apreendida por seus integrantes e parcela de seu público.

Como a pesquisa é contínua e o objeto de estudo não se encerra no presente trabalho, é necessário continuar a acompanhar os desdobramentos da organização do Carnaval 2019 para que se possa entender se a cidade de Vinhedo/SP continuará a repetir ciclos históricos de exclusão ou se a iniciativa de conscientização popular do Bloco Bloquete terá efeito, mesmo que no futuro, e o desfile continuará a ser realizado nas ruas do centro, aberto para quem quiser acompanhá-lo. Infelizmente não foi possível responder neste artigo, mas fica a perspectiva para outros trabalhos.

REFERÊNCIAS

CHIANEZI, Mariane. Moradores denunciam e polícia acaba com 'rolezinho' de adolescentes na Orla Morena. **Midiamax**, Campo Grande, 2018. Disponível em: <https://www.midiamax.com.br/cotidiano/2018/moradores-denunciam-e-policia-acaba-com-rolezinho-de-adolescentes-na-orla-morena/>. Acesso em: 05 fev. 2019.

CÂMARA MUNICIPAL DE VINHEDO. **Câmara aprova criação de bonecos para representar a imigração italiana na cidade**. Vinhedo, SP: 04 de out. 2018. Disponível em: <http://www.camaravinhedo.sp.gov.br/2018/camara-aprova-criacao-de-bonecos-para-representar-a-imigracao-italiana-na-cidade/>. Acesso em: 05 fev. 2019.

FRÚGOLI JUNIOR, Heitor. **São Paulo: espaços públicos e interação social**. São Paulo: Marco Zero, 1995.

G1 Campinas. **Ex-prefeito de Vinhedo é condenado pelo STF e perde direitos políticos**. Campinas, SP: 10 nov. 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2016/11/ex-prefeito-de-vinhedo-e-condenado-pelo-stf-e-perde-direitos-politicos.html>. Acesso em: 05 fev. 2019.

G1 São Paulo. **TJ determina multa de R\$ 10 mil a organizadores de 'rolezinho' caso promovam novos encontros**. São Paulo: 24 ago. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/tj-determina-multa-de-r-10-mil-a-organizadores-de-rolezinho-caso-promovam-novos-encontros.ghtml>. Acesso em: 05 fev. 2019.

GIESBRECHT, Érica. Samba de bumbo em Campinas: uma reflexão sobre corpo, performance e memória social. **PROA: Revista de Antropologia e Arte**. IFCH-UNICAMP, Campinas, SP, v. 3, p. 83-105, 2011.

GUGLIELMINETTI, Rose. Milton Serafim, ex-prefeito de Vinhedo, é condenado a 32 anos de prisão. **Blog da Rose**, Campinas, SP: 2016. Disponível em: <https://blogdarose.band.uol.com.br/milton-serafim-ex-prefeito-de-vinhedo-e-condenado-a-32-anos-de-prisao/>. Acesso em: 05 fev. 2019.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HOLLIDAY, Oscar Jara. **Para sistematizar experiências**. Tradução: Maria Viviana V. Resende. 2. ed. rev. Brasília, DF: MMA, 2006.

JODELET, Denise. Representações sociais, um domínio em expansão. Tradução: Lílian Ulup. In: JODELET, Denise. **As Representações Sociais**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, p. 17-44, 2001.

LEITE, Rogerio Proença. Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na *Manguetown*. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.17, n. 49, jun. 2002.

LOIOLA, Elizabete; MIGUEZ, Paulo. Lúdicos mistérios da economia do carnaval baiano: trama de redes e inovações. Paraíba: **Revista Brasileira de Administração Contemporânea**, v. 1, n. 1, p. 335-351, set. 1995.

MÓNICO, Lisete S. et al. A Observação Participante enquanto metodologia de investigação qualitativa. Salamanca, 2017. In: Congresso Ibero-Americano em Investigação Qualitativa. **Atas CIAIQ2017**. v. 3.

ORTIZ, Renato. Walter Benjamin e Paris: individualidade e trabalho intelectual. **Tempo Social**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 11-28, maio 2000.

PAIXÃO, Rodrigo. **Vinhedo**: das aldeias indígenas aos condomínios fechados. Vinhedo, SP: Horizonte, 2018.

PREFEITURA DE VINHEDO. **Prefeitura promove eventos em homenagem ao dia da consciência negra**. Vinhedo, 21 out. 2018. Disponível em: <http://www.vinhedo.sp.gov.br/2018/11/21/prefeitura-promove-eventos-em-homenagem-ao-dia-da-consciencia-negra/>. Acesso em: 14 dez. 2018.

PREFEITURA DE VINHEDO. **Com foco na segurança prefeitura define-esquema especial para desfile dos blocos de carnaval na cidade**. Vinhedo, 21 jan. 2019. Disponível em: <http://www.vinhedo.sp.gov.br/2019/01/21/com-foco-na-seguranca-prefeitura-define-esquema-especial-para-desfile-dos-blocos-de-carnaval-na-cidade/>. Acesso em: 01 fev. 2019.

QUILICI, Cassiano Sydow. Ação e representação nas artes performativas. **Rebento: Revista de Artes do Espetáculo**, São Paulo, n. 4, p. 1- 9, maio 2013.

RABECCA, Sandro. Dispõe sobre a criação de um casal de bonecos que caracteriza a imigração italiana a Vinhedo. **Projeto de Lei nº 47 de 22 de agosto de 2018**. Vinhedo, 2018. Disponível em <https://consulta.siscam.com.br/camaravinhedo/arquivo?Id=131274>. Acesso em: 06 fev. 2019.

ROLNIK, Raquel. **A cidade e a lei**: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo. São Paulo: Studio Nobel; Fapesp, 1997.

SÃO PAULO (Estado). Resolução n. 55, de 27 de outubro de 2017. Dispõe sobre o registro imaterial do “Samba Paulista”. **Diário Oficial do Estado de São Paulo**, Poder Executivo, São Paulo, SP, 07 nov. 2017. Caderno I, p. 54-55. Disponível em: https://www.imprensaoficial.com.br/DO/BuscaDO2001Documento_11_4.aspx?link=%2f2017%2fexecutivo%2520secao%2520i%2fnovembro%2f07%2fpag_0054_1D4SKBOV5FH6Re35CVU5US9VB1H.pdf&pagina=54&data=07/11/2017&caderno=Executivo%20I&paginaordenacao=100054. Acesso em 10 jan. 2019.

SÃO PAULO (Estado). Samba Paulista. **Patrimônio Imaterial do Estado de São Paulo**. Disponível em: <http://www.patrimonioimaterial.sp.gov.br/patrimonios-imateriais/samba-paulista/>. Acesso em: 09 jan. 2019.

SCORALICK, Kelly. A representação das minorias marginalizadas no telejornalismo. **Revista de Ciências Humanas**, Minas Gerais, v. 9, n. 2, p. 191-203, jul./dez. 2009.

SODRÉ, Muniz. Por um conceito de minoria. In: PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre (Orgs.). **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, 2005.

TRENTO, Peter Rodrigo. **A Capela é tudo isso pra baixo, o resto é Vinhedo**: uma proposta de pedagogia para o lugar. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

UNITED NATIONS WEB TV. **Chimamanda Ngozi Adichie (writer)**: World Humanitarian Day 2016, United Nations, New York, 19 ago. 2016. Disponível em: <http://webtv.un.org/meetings-events/watch/chimamanda-ngozi-adichie-writer-world-humanitarian-day-2016/5091392999001?fbclid=IwAR3NElv72IlInq0GSq5VhnW8qIY7WJEsIIJw9eJx0dm-0B-hbPsGshEVArts#full-text>. Acesso em: 01 fev. 2019.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomás Tadeu (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 7-72, 2005.

APÊNDICE – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

Transcrição declaração de Elias Mendes Pereira, diretor musical do Bloco Bloquete, dada em 30/08/2018, em meio a uma conversa informal.

Com relação àquilo que a gente tava conversando, se quiser puxar Maracatu e tal, a Nação Estrela Brilhante é ponto de cultura e a Porto Rico também, são as mais famosas. Com certeza vai achar ou material de vídeo ou um artigo que combine bem legal com o que você quer falar e tal e você puxa bastante referência dessa parte que você falou da livre expressão e da expressão das pessoas que fazem parte lá.

Então essas duas nações de Pernambuco são bem preocupadas com isso, manter os integrantes da comunidade sendo os feitores do Carnaval, né, e não mais as empresas, os, né, é, os empresários tomarem conta da manifestação livre, né.

Transcrição entrevista de Elias Mendes Pereira, diretor musical do Bloco Bloquete, dada em 05/02/2019

Pesquisadora- Se tivesse que explicar o Bloco Bloquete para alguém que chegasse de fora, e que nunca tivesse ouvido falar em bloco de carnaval, como explicaria? O que diria sobre esse Bloco?

Elias - O Bloco é uma reunião de pessoas que realiza um desfile artístico nas ruas da cidade. Com base na música e dança o Bloco chama a população (foliões) para se juntar ao desfile festejando, expressando seus anseios políticos e sociais e se divertindo com liberdade.

O Bloquete traz um estilo musical misturando o tradicional com o pop, ou seja, músicas que fazem parte da memória das pessoas no mercado fonográfico e as toca em ritmos tradicionais da cultura popular afro-brasileira. Além das canções e ritmos, o bloco oferece uma nuvem de pó colorido pelos próprios foliões, além de fazer intervenções poéticas e cênicas para trazer seu posicionamento sócio-político.

Pesquisadora- Desde quando você conhece o Bloco Bloquete? Conte como se inseriu ou passou a participar dele.

Elias - Desde seu fundamento. Eu sou grande amigo de Maria Clara, uma das fundadoras do bloco, já tinha participado de grupos de percussão com ela em outras ocasiões, e ela me pediu que somasse na bateria com meus conhecimentos musicais, pois havia certos momentos em que o canto e a harmonia (guitarra) estavam desconectados com a bateria. Aí ouvi bastante o ritmo do olodum e trouxe umas viradas na bateria e toquei caixa no dia do primeiro desfile de carnaval do bloco. Assim me tornei segundo apito e depois oficinairo, regente, apiteiro, arranjador, compositor e diretor musical do Bloquete.

Pesquisadora - O que te levou a permanecer (ou retornar) ao grupo?

Elias - Continuar minha pesquisa com ritmos brasileiros e formação afro-brasileira, juntar e combinar canções em medleys e mashups criativos. Passar mensagens políticas e culturais através da arte. Participar ativamente de uma manifestação cultural tão rica e importante como o carnaval.

Pesquisadora - O que o Bloco Bloquete significa para a cidade de Vinhedo? E para o coletivo que participa do Bloco?

Elias - Depende de que parte da cidade. Alguns setores sociais têm o bloco como uma afronta a costumes retrógrados e conservadores, como uma baderna sem sentido. Há uma parte da população - que inclusive o acompanha como folião - que entende apenas como mais um bloco entre outros que se apresentam no carnaval, com a ideia mercadológica de que carnaval é folia e consumo de bebidas e artigos de entretenimento. E para outra parcela, mais ativa e próxima dos posicionamentos do bloco, é uma chance de expressar sua liberdade sufocada pelas convenções sociais impostas pela modernidade, um apoio à quebra dos paradigmas que tentam marginalizar pessoas pelo seu modo de vida, tirando seus direitos individuais.

Para o coletivo que participa do bloco é, além de um projeto político social, um comprometimento com a cultura e uma chance de absorver arte - de forma técnica e elaborada - e de se expressar ludicamente.

Pesquisadora - E para você? O que o Bloco significa?

Elias - O bloco para mim é uma experiência de organização do coletivo de forma não constitucional, ou seja, sem partir da escrita de normas e regras frias, uma possibilidade de trabalhar pelo júbilo e não pelo labor, uma atividade que me dê mais energia a cada realização e não o cansaço. Uma forma de juntar o trabalho da formiga com a vontade e potencialidade da cigarra, gerenciados por líderes não nomeados pela burocracia, mas pela capacidade de doar seu tempo a determinado objetivo. Uma possibilidade de lidar com compromissos e ideais de forma humanitária, aceitando falhas e considerando o sentimento dos envolvidos. Uma chama de anarquismo tribal em meio a violência das formas civilizadas de instituição.

Pesquisadora- O que você acha dos encontros, ensaios etc. que o Bloco promove?

Elias - Eles são um campo fértil de encontros interpessoais, novas amizades, atividades em comum por pessoas que possuem afinidades. Aliado a isso, meu trabalho como educador musical foi necessário para garantir a capacidade técnica dos integrantes da bateria. Eu tornei o bloco um campo de experiência musical, esteticamente e como aprendizagem. Naturalmente os encontros gerais do bloco foram se tornando também um campo para experiências de produção, confecção de adereços, ensaios cênicos e discussões políticas, de fomento e empoderamento. Os locais de ensaio sofreram e sofrem diversos problemas de relocação, por bater com agendas de eventos fechados por setores privados e gerar reclamação de moradores de classe média alta. Além desses empecilhos impulsionados pelos descasos dos poderes públicos à cultura local, alguns integrantes foram cuidando da ampliação e manutenção de recursos básicos para ensaios e apresentação. O bloco aumenta o número de reuniões dos integrantes da produção a cada ano. As dificuldades de trabalho e formas de ver o trabalho estético, criam divergências entre os diretores e outros integrantes, atrapalhando a ampliação da independência do bloco como auto gestor de sua manifestação, isso desanima minha vontade de investimento na inovação estética, já que há um limite de como a visibilidade do trabalho pode ser levada a sério. Eu tiro um pouco o pé do acelerador na parte musical, e me conformo que o objetivo artístico serve a funções terapêuticas pra maioria da bateria e harmonia. Os eventos do bloco atualmente dependem da

disponibilidade de quem integra o bloco, e geralmente são como shows musicais comuns, não promovem muitos acontecimentos sociais, são apresentações formais.

Pesquisadora- E do desfile do Bloco na cidade? Qual sua opinião sobre o desfile como um todo?

Elias - O desfile do bloco para mim é apenas um ponto a mais na prática do bloco, mas entendo que para os integrantes é o ponto máximo de nossa manifestação. E isso traz consequências reais, que nos motivam também a crescer enquanto organização coletiva. O carnaval é a festa mais importante do Brasil, a meu ver, um misto de vadiagem, resistência de um povo subjugado e escravizado. O Bloquete é composto em sua maioria por pessoas de classe média, ou alta, que resume suas lutas na questão de gênero e liberdades individuais, como aborto, legalização das drogas recreativas e costumes sustentáveis, mas também traz questionamentos que revelam nossa empatia às questões de abismo social, guerra aos pobres e o genocídio racial pela mão da autoridade. Apesar da importância de trazer tais questões de forma clara no conteúdo artístico, o desfile sofre com escasso recurso de som para um público que aumenta a cada ano, o que dificulta o entendimento da massa como um todo. Muitos gostam do momento de atirar o pó colorido e pronto. Porém a energia de mundo novo atinge ao menos um pouco da massa de foliões que, gradativamente, entendem o valor de brincar e guerrear num carnaval permanente, onde nossa autonomia derrube as imposições de poder e hierarquia do nosso sistema, algo mais dinâmico e vivo... um acontecimento!

Transcrição entrevista com Maria Clara Teixeira Leite, uma das fundadoras do Bloco Bloquete, ocorrida em 29/10/2018

Pesquisadora – Maria Clara (risos) em 29 de outubro de 2018.

Maria Clara – É, então, sobre a, o desejo, a idealização acho que parte de dois lugares pelo menos pessoalmente. Um grupo de percussão que eu fazia parte na cidade que eu fiz Universidade, que foi Ouro Preto. Lá eu e meu irmão a gente, e junto com outros colegas, mas mais eu e meu irmão fundamos um bloco, um grupo, o Moçambo Rico, de percussão. Aí quando eu saí da Universidade essa ideia, essa prática acabou morrendo assim.

E quando eu voltei para Vinhedo eu entrei num bloco de carnaval, que era o Bloco dos Bananas, que era um dos poucos blocos que tinham sobrevivido a grande época do Carnaval de ouro de Vinhedo. Porque já teve uma época que teve muitas escolas de samba e tinha o apoio da Prefeitura e agora bastante às próprias custas o Bloco dos Bananas e mais uns dois ou três da cidade estavam conseguindo existir de alguma forma. E aí, no bloco eu peguei uma fase bem machista; não sei se eu posso falar pelas outras fases. Esse ano eu cheguei, o bloco existe há mais de 20 anos, e ou um ambiente muito masculinizador, muito masculinizante, né?! Ainda o lugar das mulheres meio que destinado à dança e tal, então as meninas quase que resistem pra tocar em uma bateria. Aí eu tocava caixa nesse grupo e tal e comentei que meu grande sonho era tocar Daniela Mercury, samba-reggae ou Zélia Duncan no bloco. Eu cheguei pro mestre que era o Esquilo na época, falecido aliás, morreu esses dias, e falei pra ele “cara, vamos tocar um reggae e tal, vamos tocar um samba-reggae” aí ele “Clarinha, porque você não pega aquelas suas caixas de madeira e faz um bloco só disso e canta “noos lençóis desse reggae” (risadas) Aí eu não sei se tinha levado aquilo como uma ironia ou se eu estava sendo muito... enfim, o máximo que ele poderia... um fofo tocar uma música que você estava sugerindo mas monta seu bloco e toca ela e eu falei “não, legal. Gostei dessa ideia” e fiquei com isso no meu inconsciente. Aí a gente tocou no carnaval. E no fim do carnaval ficou aquela rua vazia, não tinha nada acontecendo e todo mundo tinha ido para casa, aquele clima de velório. Aí eu encontrei uma galera com o mesmo sentimento de “nossa, acabou? Vamos pra casa? Acabou o carnaval de Vinhedo às 23 horas da noite?” Aí eu acho que encontrei a Lara primeiro e falei “Lara, ano que vem a gente vai montar um bloco de carnaval” e ela “vamos, vamos...” aí depois eu encontrei o Vinicius e falei “Assim não dá cara, vamos montar o nosso porque não tem nada NE nessa bosta dessa cidade” ele também fazia parte do bloco dos Bananas e também sentia um clima bem nesse naipe. Aí fui maturando essa ideia e falando o ano inteiro para vários amigos para a gente montar um bloco de samba-reggae, bloco de afoxé... mas a gente não tem instrumentos... e eu vejo lá com o Banana e tal... e aí entrou o Gusta, o Raulzinho, o Vinicius em um primeiro momento e mais um monte de gente que eu não vou conseguir falar nomes aqui, muito mais gente entrou. Daí logo depois entrou o Elias pra começar a apitar e ele super comprou a ideia do apito... enfim. Então ele surgiu no meio dessa necessidade de ter um lugar do carnaval que respeitasse os gêneros, você não tem lugar; se você é menina e quer tocar, quer danças, quer fazer qualquer coisa, você faz. Se você não quiser tocar também e quiser propor... então sempre foi um lugar aberto. Aconteceu que deu muito certo e a bateria sempre foi composta por muitas mulheres. O samba-reggae rolou e entrou outros ritmos que nem são tão do carnaval assim tradicionalmente, né? E o repertório foi aumentando. Eu acho que foi mais ou menos isso, a Daniela

Mercury foi um sonho realizado! E mais, o Milton Nascimento, né? A Daniela trazendo essa coisa do quente da mulher da Bahia, pop, todo mundo conhece. E o Milton Nascimento já um olhar mais introspectivo da gente, meio mineiro que a gente tem meio matuto. Isso só acontece, e isso só aconteceu e continua acontecendo até hoje pela força de vontade de muita gente; pode até ter sido o desejo de algumas pessoas mas o desejo se espalhou e essa idealização pode ser atribuída a varias pessoas, varias iniciativas.

Pesquisadora: E essa coisa de estar na rua, no centro da cidade, isso vem também do bloco? Por que eu lembro que as escolas de samba era muito desfile no portal porque tinha uma arquibancada e tal e esse role de vir pro centro tem a ver com o bloco dos Bananas ou com vocês que moravam no centro enfim, ou era mais isso “ah a gente morava no centro e era mais fácil de transportar instrumentos, enfim” foi uma coisa pensada ou foi uma coisa que foi acontecendo por coincidência, sabe?

Maria Clara: Cara, sempre teve um movimento da prefeitura de levar o carnaval para o parque municipal, um lugar reservado, fechado, cercado, até relativamente distante do centro da cidade e enfim, por interesse X (não vou entrar nesse mérito) tem um pouco do centro ser de muitos senhores que moram lá e não gostam do agito que é o carnaval, uma coisa mais de querer ficar quietinho. Mas olha, a gente sempre quis fazer um negócio para se apropriar do local usando o centro da cidade como palco de vários signos que a gente pudesse usar: a frente da prefeitura, as ruas... tivemos a ideia de usar as janelas. Veio de um desejo de trazer a coisa do Tapa na Peteca, um bloco bem antigo da época dos nossos pais, que lavava a cidade inteira com água depois e fazia uma bagunça, enfim, mas estar na cidade, estar no centro da cidade, falando da cidade é completamente fundamental. Eu não consigo imaginar o bloco dentro de um sambódromo fechado, pra mim isso não faz o menor sentido. É dialogar, falar da cidade. Tem que estar na cidade e usar ela como um cenário!

Pesquisadora: Você falou muito do gênero, que acaba misturando o gênero musical, que era uma coisa que o bloco não queria, e o gênero humano naquele lugar de mulher não toca, mulher só dança ou é porta-estandarte, enfim... mas essa coisa que tem a ver com minha pesquisa, da identidade. Como você enxerga os primeiros anos dessa coisa de ser um bloco LGBT por mais que não saia necessariamente com a bandeira gay por aí, mas é isso, grande parte dos fundadores são LGBT ou se vocês sentiram alguma resistência por causa disso ou se foi uma coisa que as pessoas nem pararam para pensar porque era festa e tudo legal e vamos dançar Daniela

Maria Clara: eu acho que tem desde sempre um... da festa pode! Pessoa é preconceituosa, racista, mas no carnaval eu ouço musica de preto, danço e tal. Não gosto de bixa, mas no carnaval tem as *drag queen* que vem aqui e anima. Tem um negócio que é meio foda, permissivo e não é às vezes, mas nessa cidade que é muito conservadora eu acho que o carnaval é um lugar mais potente que existe pra dizer alguma coisa, pra se mostrar e escancarar uma forma de existência que às vezes você não tem lugar, não tem voz e enfim... então, eu acho que não teve um momento que a gente falou “esse bloco vai ser LGBT” , foi naturalmente, esse bloco é o que é. Porque a gente é, e quem não é, necessariamente, ta no role e não vê isso como... nossa bolha, né? Tô falando isso da nossa bolha. Eu sei que no mundo não é assim, a gente se sente muito seguro nessa bolha de amigos que vive isso

naturalmente, que não para pra perguntar se é gay ou não. Mas aí quando extrapola e chega o carnaval e o nosso bloco que é formado hoje, sei lá, to chutando, por 50 pessoas, chega três mil pessoas, essas pessoas não pensam assim, provavelmente. Muitas pessoas estão lá só para curtir o carnaval, chega aqui e se depara com um monte de letra que fala que a gente considera justa toda forma de amor e as bichas todas empoderadas e as sapatão todas lá fazendo parte e a mulherada lá tocando tambor pesado, então eu acho que para quem chegar de fora isso é uma mensagem, uma forma de resistência bem explícita. Para gente é natural, a gente nem se toca que está sendo mas quando chega o carnaval que a gente vê. E depois os comentários do carnaval, o pós, é sempre muito forte, tanto do “nossa, eu me emocionei, eu gosto muito disso” pelas partes cênicas e repertório que é sempre muito forte e tem um retorno dessas pessoas que não são do nosso convívio que é muito forte, tanto do lado positivo quanto do lado negativo, que pra gente não é muito bom. Os ‘tiozãos’ de 50 anos que passa o dia bebendo cachaça no bar: “ahhh, aquele bloco das bicholas” (eu não sei nem o que é bichola) (risos) mas é coisa típica que você ouve no dia seguinte e tudo bem, faz parte, né? Não tem nem como hoje você não esperar os comentários que são desagradáveis, mas com certeza mexeu com a vida do cachaceiro que fica lá o dia inteiro, barrigudo... as bichas chacoalharam ele.

Pesquisadora: Obrigada!

Transcrição entrevista com Nádia Dini, integrante do Bloco Bloquete, realizada em 06/02/2019

Pesquisadora - Se tivesse que explicar o Bloco Bloquete para alguém que chegasse de fora, e que nunca tivesse ouvido falar em bloco de carnaval. Como explicaria? O que diria sobre esse Bloco?

Nádia - É um bloco de carnaval com uma proposta diferenciada de levar à população a alegria do carnaval associada à reflexão sobre temas importantes para discussão em sociedade. Esse posicionamento é construído na escolha do repertório, com músicas brasileiras que trazem temas importantes para o bloco como o uso do espaço público, o respeito à diversidade e uma linguagem unificada no discurso, na música, no figurino, nas encenações e em toda a organização do evento. Com estas ações, busca trazer sua contribuição para enriquecer o debate, apontar contradições e defender os grupos invisibilizados em nossa sociedade.

Pesquisadora - Desde quando você conhece o Bloco Bloquete? Conte como se inseriu ou passou a participar dele?

Nádia - O Bloquete foi fundado em 2014 por um grupo de amigos de Vinhedo. Fui convidada por uma amiga a ir ao primeiro encontro com a fala “Vamos lá, a Maria e o pessoal querem começar um bloco de carnaval”. Fui para assistir e já ganhei um ganzá para tocar e participar. Não tenho talento musical, mas fui aos ensaios e saí no carnaval! Começou como uma brincadeira e aos poucos fomos nos organizando, percebendo necessidades (“e se levarmos um lanche para antes do desfile?”, “e se enviarmos uma nota para a imprensa divulgando o desfile?”, “e se fizermos um figurino unificado?”)... Assim os vários talentos presentes no grupo foram colocando suas habilidades à disposição do bloco, cada um no que sabia fazer de melhor.

Ano a ano fomos crescendo, percebendo a necessidade de reuniões mais regulares para decidirmos assuntos em comum, nos organizamos em Grupos de Trabalho com responsáveis e tarefas bem definidas, sempre buscando autonomia e confiança no trabalho de cada um. Procuramos agregar e acolher qualquer pessoa que queira participar e prezamos pela transparência do grupo. Aprendemos com nossos erros e procuramos refletir para tomarmos decisões com maior consciência, sem perder de vista nossos princípios éticos.

Pesquisadora - O que te levou a permanecer (ou retornar) ao grupo?

Nádia - Eu considero importante fazer parte de algo que carregue os princípios nos quais acredito para a vida em sociedade.

É difícil, é um coletivo, com pessoas diferentes... em alguns momentos surgem desentendimentos, já tivemos brigas sérias, discordamos em alguns detalhes, não temos o mesmo temperamento ou o mesmo modo de trabalhar, mas seguimos porque tem algo maior que nos move do que os egos de cada um. Esses conflitos também são essenciais para nosso crescimento como pessoas e para o desenvolvimento de virtudes como tolerância, controle das emoções, humildade, reconhecimento de limites, expressão de desejos e opiniões, etc.

É importante também para mim como trabalho voluntário, ou seja, colocar meu trabalho à disposição sem ser remunerada para isso, em uma causa na qual acredito, num projeto que já me deu retornos positivos, na sensação de que estou contribuindo para um mundo melhor.

Acredito muito no nosso propósito de conscientizar integrantes e público sobre as ideias que trazemos, seja através da organização artística, como repertório e intervenções cênicas, ou em formas mais diretas e combativas como manifestações e pronunciamentos em apresentações ou através dos canais de comunicação.

Vejo, ao longo dos anos, como eu e outras pessoas cresceram e também melhoraram em relação a preconceitos que estavam enraizados em nossa educação. Assim, acreditamos que estamos todos em processo de crescimento e desconstrução, dentro e fora do bloco e temos esperança também de que quem vem curtir com a gente reflita e compartilhe de nossa filosofia de diversidade e respeito às diferenças – o que infelizmente nem sempre acontece.

Pesquisadora - O que o Bloco Bloquete significa para a cidade de Vinhedo? E para o coletivo que participa do Bloco?

Nádia - Participar de um bloco assim numa cidade tão conservadora e cheia de politicagem é bastante difícil, mas por isso mesmo ainda mais importante. Precisamos negociar, ceder, aprender o jogo da política, nos mantermos bem informados e independentes para conseguir passar adiante as críticas que desejamos fazer, as reflexões que precisamos proporcionar.

No entanto, percebemos no último ano mesmo entre as pessoas que participavam e curtiam o bloco, bastante incoerência nos princípios e valores éticos. Isso nos motivou a deixarmos cada vez mais claras as nossas opiniões e os pontos que defendemos. Tivemos respostas negativas como ataques e críticas virtuais, mas nos mantivemos firmes nos propósitos de defender os grupos minoritarizados e invisibilizados em nossa sociedade.

Pesquisadora - E para você? O que o Bloco significa?

Nádia - Uma grande chance de aprendizado, uma oportunidade de contribuir para um mundo melhor por meio de outra estratégia, a artística. Pessoalmente aprendi sobre ritmos, sobre música, ampliei meu repertório artístico, desenvolvi diversas habilidades organizacionais e interpessoais. E claro, as discussões propostas também contribuíram para meu crescimento moral.

Pesquisadora - O que você acha dos encontros, ensaios etc. que o Bloco promove?

Nádia - São cheios de energia e troca. Em alguns momentos são bem intensos, mas revigoram na mesma medida que cansam.

Também temos encontros de confraternização ou oficinas de afinação, de confecção de figurino, etc. que são marcadas por descontração.

Pesquisadora - E do desfile do Bloco na cidade? Qual sua opinião sobre o desfile como um todo?

Nádia - Quem participa tocando ou no cordão não vê o tempo passar, é muita energia, é bem intenso. A gente curte bastante depois vendo as fotos, pensando “que lindo, fiz parte disso!”. Mas o que importa é o processo, são os ensaios, a organização, é aí que a gente cresce, aprende, conhece um monte de gente interessante e realmente aproveita pra gastar a energia e ao mesmo tempo se energizar!

O desfile é a conclusão desse processo, no qual a gente procura partilhar com as pessoas, envolver o público nessa energia. Já temos bastante gente que nos

segue e aguarda ansiosamente nosso desfile. É um visual bonito, nosso desfile é de dia, temos pó colorido, gente que se fantasia e vem colorida pra pular carnaval, famílias com crianças, etc. O repertório musical sai do trivial do comum para essa festa, mas o repertório é cheio da musicalidade brasileira, com ritmos tradicionais de carnaval.

Transcrição entrevista com Elisângela Ribeiro, integrante do Bloco Bloquete, realizada em 08/02/2019

Pesquisadora- Se tivesse que explicar o Bloco Bloquete para alguém que chegasse de fora, e que nunca tivesse ouvido falar em bloco de carnaval, como explicaria? O que diria sobre esse Bloco?

Elisângela - O bloquete é um bloco de carnaval de rua, que traz junto com a alegria contagiante pautas sociais importantes, ainda mais na cidade em que nos encontramos. Se trata de levar alegria e também informação, indignação e resistência para o carnaval.

Pesquisadora- Desde quando você conhece o Bloco Bloquete? Conte como se inseriu ou passou a participar dele?

Elisângela - Conheço desde 2015, conheci pela minha mãe (que fazia parte da bateria). Acompanhei o desfile de 2017 e me identifiquei com as pautas do grupo e também com o estilo musical apresentado (que é totalmente diferente dos outros blocos da cidade).

Pesquisadora - O que te levou a permanecer (ou retornar) ao grupo?

Elisângela - As músicas, a alegria dos integrantes do bloco e também a vontade de mostrar para o público um pouco das nossas lutas diárias.

Pesquisadora- O que o Bloco Bloquete significa para a cidade de Vinhedo? E para o coletivo que participa do Bloco?

Elisângela - Acredito que a palavra que mais representa o bloco na cidade de Vinhedo é resistência. Para muitos que estão no bloco, o Bloquete é um lugar seguro, sem julgamentos em que se pode ser o que é e ponto. É um encontro entre amigos e pessoas que se apoiam muito, ainda mais na atual situação política e social do país.

Pesquisadora - E para você? O que o Bloco significa?

Elisângela - Para mim, Bloquete é sinônimo de alegria e luta. O Bloquete mostrou para mim que somos muitos, que não estamos sozinhos e que juntos somos mais fortes. O Bloquete se tornou uma família para mim e me ajudou em muitos momentos pessoais difíceis.

Pesquisadora - O que você acha dos encontros, ensaios etc. que o Bloco promove?

Elisângela - Os encontros são incríveis, o clima é sempre muito bom.

Pesquisadora - E do desfile do Bloco na cidade? Qual sua opinião sobre o desfile como um todo?

Elisângela - O desfile do Bloquete é diferente do que o resto dos blocos apresentam na cidade. Temos músicas autorais incríveis, com temas importantes para a nossa cidade e país como um todo. É como eu disse anteriormente, Bloquete leva alegria, mas leva questionamento também. Carnaval é resistência, e é isso que eu vejo no bloco. Antes mesmo de entrar para o Bloquete, eu já admirava essas características nos desfiles. É um show completo feito do suor e esforço de todos.